

O velho Jornal: voz dos anseios socioeducativos em Sorocaba

The old Journal: the voice of the socio-educational aspirations in Sorocaba

Vania Regina Boschetti*

* Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Profa. Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba (Uniso).
E-mail: vania.boschetti@prof.uniso.br

Resumo

O artigo realiza breve reflexão sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. Tendo por referência o Jornal "O Operário", apresenta aspectos importantes das mobilizações operárias no começo da século XX em Sorocaba, os interesses pela educação e as manifestações de articulistas feministas sobre o papel da mulher, o anarquismo e a luta social.

Palavras-chave

Educação. Classe Operária. O Operário.

Abstract

The article presents a brief reflection on the use of the newspaper as a source for historical research. With reference to the newspaper "O Operário", it presents important aspects of the workers' mobilizations at the beginning of the twentieth century in Sorocaba, the interests in education and feminist writers' manifestations upon the role of women, anarchism and social struggle.

Key words

Education. Working class. "O Operário".

A imprensa enquanto fonte histórica: paradigmas

Não se pode afirmar serem os veículos de comunicação de massa, em geral, instrumentos de registro de caráter documental preciso e desprezioso. Com o intuito de informar, registrar fatos de relevâncias diversas, formam um grande conjunto de assuntos que de alguma forma atualizam a população dos fatos de cotidiano próximo ou remoto. Atualmente os recursos são amplos, a diversidade é intensa e com a expansão das redes sociais essa atualização, aumentada infinitamente, cumpre de forma acelerada a circulação das informações. Mais das informações do que conhecimento: a notícia aparece ilustrada, deglutida, de certa forma direcionada da forma como deverá ser comentada e circulada, o que acontece por curto intervalo de tempo.

Em tempos idos, com menos recursos de obtenção e divulgação, os impressos em sua maioria eram periódicos, nem sempre com circulação constante, vida longa ou participação de articulistas consistentes, isso sem considerar os aspectos financeiros relacionados à aquisição de matéria prima. Talvez por isso mesmo, o espaço dos jornais, folhetos, almanaques, fossem tão mais valorizado pela população além de, tão significativo enquanto origem de dados e registro de mentalidade de uma época. Logo, enquanto fonte o jornal se apresentava como recurso interdisciplinar que permitia uma certa compreensão

da realidade, seja pelos seus aspectos teóricos, seja pela representação social.

Desde o século XIX, destaca Campos (2012), o país foi sendo tomado por publicações jornalísticas, não apenas como imperativo social de propagação de posicionamentos políticos e sociais, mas, por um viés prático. Uma participação importante de intelectuais de várias estirpes que, pela atividade, percebiam valores consideráveis agregados aos rendimentos já existentes.

Ao lado dos polígrafos, que eram pequenos produtores culturais independentes que viviam da publicação de pequenos livros, de proferir palestras e conferências, baluartes da intelectualidade brasileira se fizeram presentes nas páginas dos jornais. Era comum, na grande imprensa, os nomes de Machado de Assis, de Olavo Bilac, de Monteiro Lobato, ocuparem o espaço na folha com argumentos jurídicos, comentários literários, propostas para os assuntos de governo, considerações sobre posicionamentos políticos ou não, e, projetos governamentais.

Paralelamente à grande imprensa, o Brasil todo passou a ter exemplos representativos de jornais que, por outros enfoque informativos, se tornaram a voz de segmentos precisos da população ao manifestarem sentimentos e anseios de classes sociais e profissionais. Nesse aspecto, emprestam-se os conceitos de Thompson (1998), sobre a importância de se perceber os meios de comunicação enquanto veículos que podem transformar as relações humanas, independente

de lugar ou de época, para, quem sabe, modificá-las.

Breve retrospecto sobre a imprensa brasileira permite verificar o quanto a sua relação com a sociedade caminhou conjuntamente, a partir de 1808, quando surgiu no conjunto das benfeitorias culturais instaladas no Rio de Janeiro por ocasião da permanência da Família Real e das Cortes Portuguesas na cidade do Rio de Janeiro.

No caso brasileiro, como atestam Luca e Martins (2008), nação e imprensa amadureceram juntas e, os primeiros periódicos começaram a ser publicados a partir de 1808 o que levou-a não só ao registro das mudanças de Colônia para o Império mas, também, apresentar-se enquanto recurso de construção do passado.

O acervo documental, escrito, passou a ser entendido como mais uma possibilidade de construir o passado como elemento de leitura atenta que descortina formas, conteúdos, apropriações e representações de uma determinada época (BOSCHETTI; FERREIRA, 2010, p. 6). Escrevia Machado de Assis (1859), já no século XIX que “a primeira qualidade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social”.

O advento da imprensa em terras brasileiras abriu novos caminhos à vida urbana, pois pela divulgação, tornou-se instrumento de reivindicações, popularizou ideias e, ao longo da história tornou-a aliada do desvelamento da realidade, da desestabilização de governos e mandatos políticos.

Porém para que o acervo da imprensa adentrasse ao universo da pesquisa e dela pudesse fazer parte constitutiva, demorou mais. O viés positivista predominante, impedia a utilização de impressos da produção historiográfica, por considerá-lo subjetivo, diretamente ligado aos objetos da notícia no tempo e/ou no espaço o que lhe conferia fragilidade aos créditos utilizados.

O quadro somente veio se modificar quando, a partir de 1930 quando Marc Bloch e Lucien Febvre, na França, introduziram a Revista dos Annales. Na esteira das Ciências Sociais, a revista inaugurou uma nova concepção para a pesquisa e aos estudos da história e da historiografia, agora numa perspectiva social, econômica e mental. Dessa forma à tendência convencional do historiador manter-se neutro, de recuperar os eventos no concreto da sua existência, de somente buscar as fontes escritas oficiais, limitar-se a narrativa fidedigna e linear da descrição dos fatos como aconteceram, se colocava uma nova forma de estudar e compreender a história e a vida do homem em sua historicidade.

A novidade parece-nos estar ligada a três processos: novos problemas colocam em causa a própria história; novas abordagens modificam, enriquecem, subvertem os setores tradicionais da história; novos objetos, enfim, aparecem no campo epistemológico da história. (LE GOFF, NORA, 1978, apud, DE LUCA, 2010, p. 113).

As pesquisas foram ampliadas e os objetos de investigação multiplicados também, permitindo-se considerar o historiador, seus olhares e escolhas; promovendo uma aproximação da ciência histórica com a Linguística, a Psicologia e a Antropologia; incorporando um modelo interdisciplinar, sobretudo como metodologia, afirma Calonga (2012).

Jornal O Operário: voz de uma época

A utilização dos impressos resultou justamente dessa nova maneira de se pensar e de se fazer estudos e pesquisas históricas e historiográficas. A concepção de um texto jornalístico, de uma notícia, permite ampliação das possibilidades de análise pois,

Os textos não são tratados apenas em seus conteúdos anunciados, mas também mediante métodos linguísticos de análise do discurso, da enunciação, com apoio em alguma teoria das classes e das ideologias sociais. Em outras palavras, procura-se determinar em que condições sócio-históricas a produção do texto pôde ocorrer". (CARDOSO, 1986, p. 54).

Algumas localidades brasileiras foram particularmente avançadas na produção e circulação de periódicos com tendências marcadamente ideológicas, de vanguarda e propagação de ideias revolucionárias seja quanto à construção de novas mentalidades sociais, seja como reivindicação de anseios trabalhistas, legais e de melhoria de vida.

Foi notória, por exemplo a participação de alguns segmentos da imprensa mineira e paranaense, na publicação de artigos feministas e na projeção de mulheres articulistas que pelos jornais davam voz e nova dimensão à figura da mulher. Como exemplos ilustrativos pode-se elencar nas questões sindicais jornais como A Pátria (RJ), A Vida (RJ), A Luta (RS), O Libertário (SP), A Classe Operária, O Homem Livre, A Manhã, A Plebe, A Platéia... No caso das publicações femininas, O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino.

O uso do jornal como fonte documental de pesquisa, se liga à:

História Cultural introduzida pela Escola dos Annales e a mudança de foco proporcionada por ela ao direcionar suas análises para o estudo das identidades de grupos sociais invisíveis até então na perspectiva de uma história tradicional. A análise da "história vista de baixo", termo utilizado por Edward Thompson, permitiu a aparição de diversos sujeitos, entre eles, as mulheres. (SOUZA, 2012, p. 1)

A intenção de tomar o jornal como objeto de estudo e pesquisa, decorre segundo Barreira (2002) do interesse pelas investigações práticas no interior dos movimentos sociais urbanos. Como bem afirma Capelato, a imprensa "é manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos" (1998, p. 13).

No caso específico da cidade de Sorocaba, SP, já no final da primeira

década do século XX, o jornal caracterizava de modo exemplar a diversidade econômica e social presente. Econômica porque a cidade contava com dois vetores importantes no contexto econômico do estado e do país: as oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana e, a expansão industrial têxtil com fiação e tecelagem de algodão que, atendia demandas de exportação.

A estrada de ferro surgiu a partir de interesses econômicos de grupos locais, que desenvolveram esforços para a construção de uma ferrovia que atendesse aos anseios de viabilizar uma política de exportação de algodão. A ferrovia além dos lucros de sua exploração, servia de estímulo à produção de algodão pelos agricultores locais, que assim tinham sua produção escoada facilmente. Socialmente e, em decorrência do econômico, a presença de expressivo contingente proletário de origem europeia, particularmente italianos e espanhóis, aportados ao país pela imigração, quadro que se repetia em outras regiões de São Paulo e do país.

Considerada em seu conjunto, deve-se destacar que a indústria brasileira teve sua expansão em função de fatores específicos como: políticas protecionistas e a particular ação dos imigrantes que num misto de ambição, recursos pessoais e certo conhecimento técnico imprimiram com determinação e força, as matrizes do trabalho operário no Brasil.

De acordo com Boschetti e Ferreira (2005), a Sorocaba desse período, pode

ser detalhada em particularidades, pelos fatos nem sempre relevantes do cotidiano e da rotina social. De um lado a imprensa tradicional na feitura de jornais como o Diário de Sorocaba. Essa imprensa no Brasil estava diretamente ligada aos partidos políticos e seus correligionários e, predominantemente era a voz dos partidos políticos. Como exemplo, *O 15 de Novembro* (Partido Republicano Paulista) e *O Comércio de Sorocaba* (Partido Republicano Dissidente). Quando deixaram de circular, o grupo fundou O Cruzeiro do Sul que passou a ser o representante do PRP (partido Republicano Paulista).

Compondo o perfil de sua população operária, a cidade viu crescer a circulação de vários jornais, particularmente os classistas como *O Apito*, *Nossa Estrada*, *O Sindicato* e *O Operário*. Além dos jornais, a imprensa operária se valia de outros recursos impressos de comunicação. Eram comuns os panfletos, as revistas, os folhetos, folhetins, circulares. A expansão da dessa modalidade de imprensa, escrita e periódica, segundo Barreira (2002) foi significativa em São Paulo, se considerado objetivamente, o momento histórico do início do século passado e a conjuntura do país: analfabetismo, políticos conservadores, base primária da economia nacional, patronato impermeável à problemática social do trabalho. Apresenta o autor os seguintes números: dos 308 jornais existentes no país (entre 1888 e 1925), o estado paulista publicava 135 e o Rio de Janeiro 91.

A velocidade na circulação dos jornais mantinha acesa a chama do debate sobre assuntos diversos. Destinavam-se a todos, indistintamente, pois circulavam papeis e ideias por todos os lugares. A propagação oral das notícias, os comentários, observações e posicionamentos de faziam presentes mesmo no cotidiano da população analfabeta que apesar disso, não deixava de ouvir e comentar, principalmente quando a pauta era de interesse localizado:

No que diz respeito às possibilidades da educação, a imprensa periódica, no seu veio mais propriamente cultural do que noticioso, assumiu explicitamente as funções de agente da cultura, mobilizadora de opiniões e de propagação de ideias. (PALLARES-BURKE, 1998, p. 146).

O Operário, publicado em Sorocaba entre 1909 e 1913 como periódico, pontuava suas páginas com diversificado leque de informações e notícias: religião, anúncios, ideias em geral. A consulta de seu acervo e o teor de suas exposições não deixam dúvidas sobre seus interesses jornalísticos e as responsabilidades que assume junto aos leitores, suas problemáticas e mazelas da população em geral, particularmente a classe operária enquanto base produtiva.

Com declarado comprometimento com as causas sociais que envolviam a cidade.

Os editores o definiam como “Órgão da defesa da classe operária, noticiosos, literário e de combate”. Tinha como bandeira a defesa

dos direitos dos operários; inicialmente a publicação teve orientação socialista e, na fase final a tendência anarquista tornou-se mais evidente. (BOSCHETTI; FERREIRA, 2009, p. 5).

O Operário discorria sobre graves questões da cidade, do estado paulista e do país: economia industrial, necessidades urbanas, tendências ideológicas, preconceitos e injustiças trabalhistas e sociais. A periodicidade de sua circulação foi um fator importante, pois, segundo Sodré (1999), isso facilitava a compreensão das ideias e o desenvolvimento do processo em andamento.

Desde o seu início o jornal *O Operário* manifestou-se como um periódico à serviço da classe trabalhadora e, como aponta Ferreira (1988, p. 13), “como documento vivo desse período incontestável porque é, acima de tudo, informativo e foi resultado de uma participação efetiva do individual e do coletivo no processo histórico”. Mantendo-se predominantemente à custa da venda de assinaturas e, uma pequena parte dos recursos da venda de anúncios de propaganda, o jornal nunca poupou argumentos contra abusos, injustiças e, à favor do bem estar social e da escolarização pública.

Com discurso contundente, o jornal atraía o público, conquistava adeptos para suas ideias, divulgava e ratificava tendências ideológicas e, pode-se dizer constituiu-se inclusive em força política pois, teve papel de destaque na organização da Liga Operária de Sorocaba (1911), do qual participavam pessoas da direção e redação do jornal.

A Liga, por sua vez, foi fundamental na criação de uma escola noturna para crianças operárias, inspirada na escola moderna racional, tendo como professor Joseph Revier, imigrante anarquista, também colaborador do jornal. (BOSCHETTI; FERREIRA, 2009, p. 8).

A pauta do *O Operário*, poderia ser identificada por eixos bem definidos. O principal deles abordava questões relacionadas à educação e à instrução, O jornal mantinha constantes suas preocupações com temáticas e preocupações sociopolíticas tais como a politização da classe operária, a importância das associações de classe, a legislação pertinente ao trabalho e aos trabalhadores, questões essas consideradas em correlação com os assuntos do trabalho, das organizações operárias, da higiene e da saúde pública, da religião e família.

A primeira implicação a ser observada é a questão salarial, dentro da moderna indústria, onde ocorre a venda da força de trabalho em forma de pagamento característica principal e fundamental para modo de produção capitalista. Segundo o jornal *O Operário* a média salarial na indústria têxtil era de 40\$000 réis para homens adultos e 17\$000 réis para os menores em 1911. Segundo Silva, (2000) os dados de projeção dos gastos para a manutenção familiar composta de quatro pessoas (homem mulher e dois filhos) já atingia o salário mensal ganho. Só com a necessidade da alimentação o gasto é de uma

quantia de 41\$930 (quarenta e um mil, novecentos e trinta réis). Isso são valores apenas somados para o feijão, arroz, farinha, frangos, carne de porco e toucinho o que tornava imprescindível o trabalho da mulher e das crianças. (CARMO, 2006, p.5)

A análise das publicações revela que, paralelamente, o jornal trazia orientações relacionadas à saúde e à higiene. Era comum encontrar em suas páginas abordagens sobre o alcoolismo, o arejamento das casas, o utilização adequada da água. Havia um caráter de denúncia explícita quanto às condições de trabalho, com ênfase no trabalho da mulher e das crianças. Com Carmo (2006), registra:

A jornada de trabalho em que faziam parte os menores era outro aspecto denunciado pelo jornal. Havia longas jornadas de trabalho que se estendiam entre 12 a 15 horas diárias num regime intenso, havendo paradas de meia hora em média para o almoço. Nessa longa jornada de trabalho há três fatores presentes degradantes quando olhado pela ótica humanística. Primeiro o aumento do processo de exploração advindo pelo aumento da jornada de trabalho em que tudo era feito em nome do progresso. Segundo, essa condição esgotava a saúde das crianças, que cresciam macilentas por causa da insalubridade local de trabalho e da má alimentação [...].

ou ainda,

no geral as mulheres trabalhavam e produziam em quantidade de

tempo, igualmente, aos homens. A discriminação do trabalho feminino passa pelo valor da remuneração, por receberem, pelo mesmo trabalho que realizavam os homens o valor inferior quando comparado a remuneração masculina. Um outro aspecto denunciado pelo O Operário eram os abusos que as mulheres sofriam no ambiente de trabalho vindos dos seus administradores, mestres e contramestres e até mesmo pelos companheiros de trabalho. (CARMO, 2006, p.7,8)

Com o tempo começaram a se apresentar as articulistas femininas.

Muitas delas escrevendo anonimamente, outras usando pseudônimos (até masculinos) as mulheres articulistas faziam parte de reduzido grupo de militância anarquista. Era comum ao movimento feminista do período, mesmo quando propagava a igualdade de direitos, manter a questão das diferenças no âmbito da visão biológica da qual derivava então, uma fragilidade física e intelectual. Essa concepção permitia a aceitação de uma série de estereótipos, reforçadas por todo um contexto social de representações das quais a mulher emergia como modelar força de recato, dedicação, altruísmo, maternidade natural e submissão.

Fugindo, ora das influências convencionais da cultura de uma sociedade conservadora, ora das imposições religiosas, as articulistas eram particularmente incisivas nos seus argumentos e contrárias às injustiças construídas ao

longo de séculos de civilização, em todas as partes do mundo.

Num contexto como o do trabalho e da militância política, algumas colocações mereciam destaque tanto pela virulência do ataque, quanto pelas reações que provocavam nos meios mais tradicionais:

A verdadeira mãe, a mãe ideal, diferente destes tipos, prepara os seus filhos ao trabalho, ensina-lhe o sacrifício. Esta é a verdadeira mãe anarquista [...] que [...] não escolherá para sua filha um marido usurpador e perverso... não ambiciona para seus filhos e seu companheiro, cargas de cruces, diplomas e galões que dão o direito de explorar o trabalho dos outros [...] este tipo de mãe anarquista é o sonho de todos os corações bons, a luz da humanidade nova, fundada sobre as bases do trabalho e do amor. Na mulher anarquista está pois a salvação do mundo. (*O Operário*, 12/03/1913, p. 1).

Importante ressaltar que, para essas articulistas, a questão social se colocava de maneira mais ampla, associando à emancipação, a necessidade de se atender outras prioridades importantes como aumento de salário, redução da jornada de trabalho e instrução.

O eixo da educação e da instrução, mantinha-se na dinâmica contínua do jornal, diversificando em vertentes do conceito principal. Nesse tópico discutia-se não apenas o modelo ideal de escola, mas também idealizadores,

possibilidades de implantação, alfabetização, formação profissional, constituição da família operária, educação da infância, escola noturna.

Para os responsáveis pelo jornal, assim como para seus colaboradores e articulistas, trazer essa linha de discussão para as suas páginas era disseminar entre os leitores uma bandeira que denunciava a discriminação, o preconceito, as redes de poder inerentes à estrutura da cidade e do país e a injustiça presente nas diferentes funções e posições desempenhadas pelo cidadão.

Os argumentos em prol da educação estavam direcionados à instrução de toda a classe trabalhadora: das crianças, dos jovens e sua preparação para o trabalho e dos adultos alijados do processo e que se constituíam em grande contingente de analfabetos. Tais argumentos não deixavam de contextualizar a adaptação de horários e pertinência dos estudos para o desenvolvimento pessoal e social.

Referência constante no *O Operário* era Ferrer, educador catalão do século XIX, que defendeu com a vida seus pressupostos teóricos sobre educação e sociedade. Fundador de La Escuela Moderna de Barcelona, Espanha, e afinado com os ideais do racionalismo pedagógico, inovou as reflexões sobre as teorias educacionais praticadas, dedicando especial preocupação para o atendimento metodológico que deveria possuir a escola visando a criança. Abriu um movimento social pela educação apontando necessidades até então descartadas pelos modelos convencionais.

Aspectos voltados para o bem estar da criança estavam elencados em seus pressupostos, como: material didático adequado, iluminação das salas, ventilação dos ambientes de estudo. Alertava ainda para práticas de intercâmbio entre os alunos e escolas, visitas à museus e fábricas, idas ao teatro, participação em conferências, debates entre alunos e professores sobre as atividades desenvolvidas.

Seus pensamentos estavam constantemente impressos e divulgados pelo jornal e, suas propostas passaram a ser conhecidas pelos leitores, divulgadas pelos comentários e entendidas como parte de um universo mais abrangente e significativo. Ferrer apresentava suas concepções educativas ultrapassando as paredes da escola e se realizando também por meio da organização de bibliotecas, produção de textos para jornais operários e panfletos, cursos variados à serviço das necessidades e aprimoramentos humanos e sociais.

A proposta educacional de Ferrer, fiel aos princípios racionais, tinha por base as ciências naturais, o afastamento do ensino religioso, a liberdade, a igualdade, a educação integral (articulando a aprendizagem tradicionalmente realizada mais atividades manuais), a educação universal. Era uma forma de educar a criança por meio de novo paradigma social e coletivo que permitiria ao aluno, desde pequeno conseguir o desenvolvimento de suas potencialidades.

Em Sorocaba, sobremaneira, esses objetivos faziam eco. A cidade a partir

de suas frentes de trabalho industrial, apresentava uma pequena multidão de crianças que compunham as frentes de trabalho nas fábricas. Analfabetas, trabalhavam por remuneração irrisória, mais de dez horas por dia, em ambiente insalubre. O direito da criança ao estudo privilegiava as reivindicações, mesmo considerando a necessidade de seu trabalho no contexto das necessidades domésticas.” A verdadeira mãe, a mãe ideal, diferente destes tipos (referência à mãe burguesa) prepara os seus filhos para o trabalho, ensina-lhe o sacrifício”... (O OPERÁRIO, 12/03/1913, p. 1) . Por isso mesmo, os pedidos pela redução da jornada de trabalho se vinculavam à educação: uma menor carga horária nos turnos de trabalho, liberaria as crianças para a frequência às aulas.

Em artigo não assinado, *O Operário* de 24 de setembro de 1910, em sua página 2, alguém denunciava:

Ah! Mais por isso devemos trabalhar, pela vitória de nossa causa, devemos lutar pelas 8 horas de trabalho, pois, com a diminuição nos seus trabalhos, eles terão tempo pra se instruir, para aprender a distinguir o bem do mal. [...] mandar instruir uma criança é a obra mais santa que podemos praticar na nossa vida. O operariado precisa de instrução para não ser explorado. Por que nos exploram os burgueses? Não é pela nossa falta de preparo para protestarmos? [...] Queremos a liberdade e a instrução de nossos filhos. (In: BARREIRA, 2005, p. 199).

Nesse aspecto era lembrado que a própria frequência às aulas da Escola Noturna, principalmente para os trabalhadores analfabetos, também estava articulada à redução do período de trabalho: de nada adiantava a oferta se, a extensão dos horários das fábricas, impossibilitava aos interessados chegar à escola em horário apropriado aos cumprimentos das atividades de aprendizagem. “Os operários vivem amordaçados... existem em Sorocaba fábricas que trabalham 15 horas por dia... o operário precisa de descanso para se instruir, cuidar da educação de seus filhos... para que eles vejam a luz da verdade e da razão...” (O Operário, 03/05/1911, p. 1).

Concluindo, oportuno observar que as reflexões apresentadas neste artigo, não tiveram a intenção de estabelecer considerações definitivas sobre a questão do uso de periódicos para a pesquisa, nem de construir uma grande estudo sobre o jornal *O Operário* e suas interferências na vida da cidade de Sorocaba. Na verdade, tem o intuito de mostrar, juntamente com tantos outros de abordagem similar, como é importante ao pesquisador estar atento às possibilidades de investigação quando o assunto é a educação em seu contexto histórico.

A pesquisa, hoje, oferece, em suas muitas interfaces, bastante significativas e válidas para o pesquisador e a quem se interessa pela sua pesquisa, um conjunto de frentes de entendimento e de compreensão. São, sem dúvida, as próprias fontes, muitas vezes os próprios objetos

de indagação e de questionamento, dadas as formas como se abrem às possibilidades das indagações e às hipóteses de estudo.

Oficialmente, a existência dos movimentos anarquistas, adeptos e simpatizantes não foi contemplada pela história oficial. Quando noticiado pela imprensa convencional, partidária (referindo-se aqui aos periódicos fundados sob o costume das grandes cidades onde os partidos políticos publicavam suas ideias em periódicos próprios), de expressiva tiragem e, via de regra, defensores da formação moral e cívica na manutenção das estruturas conservadoras da sociedade. Por isso mesmo evitavam detalhar os acontecimentos que fugiam ao padrão do desejável. Contestação, greves, manifestações, mereciam pouca cobertura e, não ocupavam o espaço desses jornais. Quando por ventura eram noticiadas, faltava-lhes objetividade, clareza e isenção ao tratar do assunto e da problemática em sua origem e causa, ficando muitas vezes no âmbito do fato isolado apresentado como fenômeno rude.

A utilização do *O Operário* no desenrolar do artigo, bem ilustra tais considerações. Num primeiro momento ressalta a utilização do periódico como fonte de pesquisa aproveitando a vertente cultural que considera de validade a inserção dos impressos na produção da historiografia brasileira, especialmente

o uso de jornais, revistas, folhetins e edições ilustradas (CALONGA, 2012).

O uso da imprensa na pesquisa foi assim de capital importância pois permitiu desvelar elementos que à época, não seriam revelados de outra forma. Por exemplo, como conhecer Ferrer, fora dos seus redutos se não pelas páginas do jornal? Como se fazer a divulgação extensiva das ideias feministas e anticlericais numa cidade conservadora, se não pelas páginas de um jornal de público fiel e segmentado socialmente? Onde seriam apresentadas as denúncias de maus tratos no trabalho e exploração, a não ser pela notícia “corriqueira” e torná-la do conhecimento dos que atuavam em outras esferas trabalhistas?

Jornais como *O Operário* têm permitido uma concretude à pesquisa ao partir de uma realidade objetiva e de uma ação objetiva, que não se limita aos parâmetros exigidos na exclusiva validade dos documentos, soberanos por longo tempo como referenciais e fonte. Permite contemporizar os fatos, entender as causas e, acompanhar o desenrolar dos acontecimentos por meio da continuidade dos fatos. Permite também considerá-la como fator existencial numa rede de existências humanas nas quais posicionamentos, relações, hierarquias e comandos se estabelecem, entram e conflitos e, quando possível e necessário, estabelecem acordos.

Referências

ASSIS, Machado, *A reforma pelo jornal*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1954. (Obra completa).

BARREIRA, Luis Carlos. *Escola, periodismo e vida urbana: imprensa operária e formação da classe trabalhadora em São Paulo (1888-1925)*, 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

_____. Contribuições da História da Escola Pública Sorocabana para a História da Educação Brasileira. In: LOMBARDI, Claudinei et al. (Org). *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2005.

BOSCHETTI, Vania Regina; FERREIRA, Valdelice Borghi. Discursos educacionais e imprensa: algumas leituras. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., Rio de Janeiro, *Anais...* 2009.

_____. *A cidade, os movimentos sociais operários e a educação*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS EDUCATIVAS IBEROAMERICANAS, 2010. *Anais...* Barcelona, Espanha: Publicacions i Edicions UB, 2010.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da História? In: ENCONTRO CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 1., 2012. *Anais...*Dourados, MS: Unigran, 2012.

CAMPOS, Raquel Discini. No rastro dos velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 45-70, jan./abr. 2012. Disponível em: < <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/320/306>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARMO, Jefferson Carriello. Indústria têxtil, movimento operário e a questão das greves na cidade de Sorocaba. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

FERREIRA, Valdelice Borghi. O movimento operário e a educação na imprensa sorocabana na Primeira República. 2009. 211f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2009.

LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*, n. 104, p.144-161, jul. 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Cássia Regina da Silva Rodrigues. *Periódicos feministas do século XIX: um chamado*

à resistência feminina. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 15., 2012. *Anais...* Rio de Janeiro, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. *A mídia e a modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

Fonte Primária

O Operário. Edições de 1909 a 1913. Gabinete de Leitura Sorocabano. Sorocaba, São Paulo.

Recebido em março de 2014

Aprovado para publicação em abril de 2014